



LAÇOS E EMBARAÇOS: O OLHAR DE MÃES DE BEBÊS HOSPITALIZADOS SOBRE A EQUIPE DE SAÚDE

Eixo Horizontal: EH4: EQUIPES DE SAÚDE
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Cleicione Rosa de Oliveira; Maria Fernanda Schindler Santana Fernandez ;

Introdução: O período gestacional é um momento delicado na trajetória de vida da mulher. A descoberta da gravidez, o parto e o puerpério são descritos na literatura como momentos de intensa mobilização, que convoca a genitora e os familiares a uma longa peregrinação subjetiva (PAZZIAN; MATTIOLE; ZANFOLIM; CERCHIARI; GANASSIN, 2018). O funcionamento de um hospital impõe limitações às mães, convocando destas uma reorganização subjetiva para lidar com o ambiente estranho, pessoas desconhecidas e uma rotina de procedimentos dolorosos e invasivos ao RN (DANTAS et al. 2015; SOUZA et al. 2009). Assim, são inúmeras as vicissitudes que perpassam o processo de gestação e puerpério, instaurando aí a emergência do inesperado e do Real para a psicanálise, trazendo repercussões psíquicas tanto na díade quanto na equipe de saúde. **Objetivos:** Discutir as percepções das genitoras dos bebês hospitalizados em relação à equipe de saúde. **Método:** Trata-se de um relato de experiência que teve como campo de atuação uma enfermaria neonatal de um Hospital Universitário da cidade de Salvador. **Resultados:** É possível constatar a não compreensão da integralidade do binômio mãe-bebê pelas equipes, cultura hospitalar marcada por representações utópicas da maternidade, maternidade hipervigiada e destituição recorrente do saber materno, além, dos sentimentos ambivalentes das genitoras em relação à equipe de cuidado. **Discussão:** O ditado popular “ser mãe é padecer no paraíso” assume novas tonalidades e se ratifica dentro do hospital. O ideal de maternagem cristalizada nos meios de comunicação e na sociedade em geral incide sobre as equipes de saúde, atravessando de maneira negativa os processos de cuidado. Dessa forma, o construto social de “ser mãe” perpassa por um ideário padronizado, conseqüentemente, as mães que escapam as normativas logo são rotuladas como negligentes, insuficientes, pouco colaborativas, e vivenciam um sentimento de invisibilidade. Assim, há uma vigilância constante das equipes em relação às genitoras, disseminando um discurso que reforça o ideal materno, desconsiderando a ambivalência afetiva como característica comum na construção do laço entre a díade. É perceptível a desvalorização do saber materno, prevalecendo os saberes biomédicos nos cuidados e destinando as intervenções apenas ao RN. Diante disso, as genitoras nutrem sentimentos ambíguos em relação à equipe, os vendo ora como salvadores, ora como invasivos e produtores de dor. **Conclusões:** Percebe-se a necessidade de reflexão das equipes acerca do discurso social estigmatizante que permeia a maternidade. Reconhecer o sofrimento psíquico, a história de vida das genitoras, os aspectos inconscientes e ambivalentes associados à maternidade, são caminhos necessários para a desconstrução desse conceito idealizado. No ambiente hospitalar, mostra-se fundamental o reconhecimento da saúde da mulher, o fortalecimento do laço social e intersubjetivo com os profissionais, e a validação das potencialidades do olhar materno, visando uma assistência integral. A aposta no laço ao invés do embaraço é um caminho que fortalece o cuidado ao sujeito.